

ARTIGO | *PAPER*

REFINAMENTOS INTERPRETATIVOS FRENTE À ARQUEOLOGIA AFRO-DIASPÓRICA: UM ESTUDO DE CASO

INTERPRETATIVE REFINEMENTS IN THE FACE OF AFRO-DIASPORIC ARCHAEOLOGY: A CASE STUDY

Thandryus Augusto Guerra Bacciotti Denardo ^a

^a Bacharel e Licenciado em Física pelo Instituto de Física da Universidade de São Paulo (IFUSP), Mestre e Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Técnico em Arqueologia pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

RESUMO

O Projeto Quebra-Anzol vem sendo desenvolvido há mais de 40 anos no Alto do Paranaíba, margem mineira, e as pesquisas desenvolvidas no seu âmbito revelaram uma história indígena de longa duração relacionada à ocupação Kayapó Meridional. No entanto, um dos sítios estudados se destaca por suas diversas particularidades, incluindo a presença de fornos de barranco e decoração incisa nas cerâmicas. Tais elementos sempre foram considerados como marcadores étnicos indígenas frente ao elemento colonizador. O presente artigo visa trazer um refinamento interpretativo com base na Arqueologia Afro-Diaspórica e comparações com outros sítios estudados nessa perspectiva, além de trazer dados acerca dos povos negros presentes na região.

PALAVRAS-CHAVE

Projeto Quebra-Anzol; Triângulo Mineiro; Arqueologia Afro-Diaspórica.

ABSTRACT

The Projeto Quebra-Anzol has been developed for over 40 years in Alto do Paranaíba, on the Minas Gerais side, and the research carried out within its scope has revealed a long durée of indigenous history related to the Southern Kayapó occupation. However, one of the sites studied stands out for its many particularities, including the presence of kilns and incised decoration on the ceramics. Such elements have always been considered as indigenous ethnic markers in the face of the colonizing element. This article aims to provide an interpretative refinement based on Afro-Diasporic Archaeology and comparisons with other sites studied from this perspective, in addition to providing data about the black people present in the region.

KEYWORDS

Projeto Quebra-Anzol; Triângulo Mineiro; Afro-Diasporic Archaeology.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

DENARDO, Thandryus Augusto Guerra Bacciotti. Refinamentos interpretativos frente à arqueologia Afro-diaspórica: um estudo de caso. Cadernos do Lepaarq, v. XXIII, n. 45, p. 149 - 171, Jan-Jun, 2026.

O presente artigo tem como objetivo exemplificar como a Arqueologia Afro-Diaspórica deve ser levada em consideração mesmo em contextos que, à primeira vista, não parecem estar relacionados a povos e populações negras. A fim de motivar a discussão, será feito um estudo de caso a partir da Zona 02 do sítio Inhazinha, estudado no âmbito do Projeto Quebra-Anzol. Tal sítio apresentou características muito distintas dos demais sítios estudados na região e associados à ocupação Kayapó Meridional no Triângulo Mineiro, e tais mudanças foram interpretadas como uma resistência étnica indígena frente ao elemento colonizador (MAGALHÃES, 2019, 2024; MOREIRA, 2019, 2024). No entanto, a comparação dos elementos decorativos presentes nesse sítio com sítios relacionados a populações e povos negros em Goiás, Mato Grosso e São Paulo permitem inferir novas possibilidades interpretativas.

O Projeto Quebra-Anzol e a Zona 02 do sítio Inhazinha

O Projeto Quebra-Anzol vem sendo conduzido por mais de 40 anos na região do Alto Paranaíba (Triângulo Mineiro) pela professora doutora Márcia Angelina Alves, ligada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Diversos de seus sítios foram estudados por suas orientandas(os) no âmbito de pesquisas em nível de Mestrado e Doutorado. Ao todo, onze sítios já foram pesquisados (Quadro 1).

Quadro 1: Sítios pesquisados no âmbito do Projeto Quebra-Anzol.

Nome do sítio	Município	Pesquisa desenvolvida
Prado	Perdizes	Campanhas intensivas
Inhazinha	Perdizes	Campanhas intensivas
Menezes	Perdizes	Campanhas intensivas
Rodrigues Furtado	Perdizes	Campanhas intensivas
Antinha	Perdizes	Prospecção de superfície
Silva Serrote	Guimarânia	Campanhas intensivas
Rezende	Centralina	Campanhas intensivas
Pires de Almeida	Indianópolis	Prospecção de superfície
Santa Luzia	Pedrinópolis	Campanhas intensivas
ATM-691	Tupaciguara	Campanhas intensivas
Casa de Força	Monte Alegre de Minas	Campanha intensiva

As campanhas intensivas de campo, realizadas a partir do método indutivo, contaram com varredura sistemática de superfície, abertura de poços-teste, sondagens e trincheiras, a fim de evidenciar as características dos sítios arqueológicos em suas dimensões horizontais (aspectos sincrônicos) e verticais (aspectos diacrônicos), de acordo com a metodologia de “Superfícies Amplas”, preconizada por Leroi-Gourhan (1950) e adaptada para solos tropicais por Luciana Palles-trini (PALLESTRINI, 1970, 1975). A fim de expor a tridimensionalidade dos sítios foi escolhida a técnica de “Decapagem por níveis naturais”.

Os sítios estudados no âmbito do Projeto Quebra-Anzol apresentaram dois principais tipos de ocupação: (i) populações que tinham na caça e no manejo de plantas relacionado à coleta¹ sua principal fonte de subsistência, cujos principais remanescentes são relacionados às suas indústrias líticas e (ii) populações produtoras de cerâmica que praticavam a horticultura/agricultura, e que provavelmente se relacionavam a um único povo devido às semelhanças nos vestígios estudados² (ALVES, 2013, 2018). Quanto a estas últimas, foi possível detectar sua cultura material tanto em tempos pré-Conquista quanto já no período do Brasil Colônia, e as referidas pesquisas permitiram compreender as seguintes características:

- Tais populações sempre ocupavam as média vertentes, com declividade de até 15%, em áreas de interflúvio, o que consiste em um lugar persistente (DENARDO, 2018, 2021, 2024), isto é, uma série de características ambientais que permitem que tais lugares sejam escolhidos culturalmente por um povo para sua ocupação, levando em consideração as vantagens que eles ofereciam, como uma ampla visão do território, facilidade de captação de água (nos corpos hídricos ou durante chuvas), e proteção dos ventos no sentido oeste-leste que ocorrem na região durante os meses de março a agosto, e certa proteção dos ventos na direção nordeste-sudeste que sopram no restante do ano (DENARDO, 2018).
- Além do profundo conhecimento acerca do meio ambiente, tais populações possuíam domínio tecnológico, como é possível avaliar através de sua olaria. Os recipientes cerâmicos eram construídos a partir da técnica acordelada, com bons alisamentos interno e externo (na maior parte dos sítios estudados), e não apresentavam decoração. Foram encontrados vasos de grandes volumes, tal como uma urna piriforme voltada para armazenamento encontrada no sítio Santa Luzia, com volume de aproximadamente 600 litros. Havia preferência principalmente pelas formas piriforme, ovóide, trapezoidal e esférica, pela adoção de base convexa e borda direta e arredondada. A queima era rea-

¹ É importante destacar que a coleta foi o mecanismo de seleção antrópica que permitiu a domesticação das plantas que posteriormente seriam produzidas a partir da horticultura e agricultura. Dessa forma, a coleta era uma atividade humana que passava por opções, conhecimentos, etc., isso é, a própria coleta consistia também no manejo de plantas.

² Não busca-se, aqui, construir um panorama evolucionista, e sim descrever duas maneiras distintas de estar no mundo que foram observadas a partir dos estudos dos sítios arqueológicos.

lizada principalmente em atmosferas redutoras, com rápida reoxidação durante o período de resfriamento, indicando que foi realizada através de fogueiras rasas. Também foram detectados vestígios relacionados a vasos geminados (MAGALHÃES, 2019; MOREIRA, 2019; DENARDO, 2024), possivelmente “indicadores das dualidades de povos Jê, Sol/Lua, Noite/Dia, etc.” (ALVES, 2024, p. 64).

- A continuidade tecno-cultural relaciona-se ao ensino-aprendizagem das técnicas e gestos que permite que as características físicas dos objetos permaneçam semelhantes através de várias gerações, ao mesmo tempo abrindo espaço para inovações técnicas (DENARDO, 2023).
- Quanto à indústria lítica, é possível inferir a prática de corte de vegetais, como plantas arbustivas e árvores, através da presença de machadinhas e possíveis amoladores. Tal prática possivelmente estava relacionada à técnica de coivara. A existência de mão-de-pilão também permite pensar na extração de tintas e óleos, além do seu uso para moer alimentos. No mais, os instrumentos líticos lascados (predominantemente raspadores) passam em geral por descorticação e possuem menos retoques para obtenção e gume que os observados em sítios relacionados a caçadores-coletores, exigindo menos esforço na confecção a fim de atender demandas específicas surgidas no cotidiano, sendo portanto expedientes.
- Os assentamentos eram construídos predominantemente na forma de ferradura (ALVES, 2024).

As datações relacionadas a povos caçadores-coletores chegam a até 7.320 ± 110 anos A.P.³ para o sítio Rezende, sendo a mais recente de 1.940 ± 30 anos A.P. para o sítio Casa de Força; esta última datação se aproxima da mais antiga relacionada a povos ceramistas, de 1838 ± 184 anos A.P. para o sítio Santa Luzia, onde já foi indicada a ocupação Kayapó (DENARDO, 2018). As demais datações obtidas no Projeto Quebra-Anzol referem-se a um período posterior de quase um milênio, quando a “área volta a ser ocupada pelos Kayapó meridionais nos séculos VIII, IX, XI, XII, XIV, XV, XVI” (ALVES, 2024, p. 58). A Zona 02 do sítio Inhazinha apresentou datações de 212 ± 19 anos A.P., 190 ± 30 anos A.P. e 150 ± 30 anos A.P. (MAGALHÃES, 2024).

Quanto à indústria cerâmica, os estudos objetivaram o estabelecimento das cadeias operatórias e sistemas tecnológicos dos sítios arqueológicos. Tais pesquisas mostram uma longa continuidade cultural, com algumas exceções:

- Os vestígios cerâmicos apresentam-se menos alisados no sítio Rodrigues Furtado (MAGALHÃES, 2015) em comparação aos demais, apresentando um alisamento chamado

³ Lembramos que os anos A.P. são calibrados a partir do ano de 1950.

de grosseiro ou “ruim”, o que não significa que a técnica seja mais rudimentar. A análise do alisamento é feita principalmente pelo tato, de maneira a servir como atributo descritivo e comparativo inter-sítio dentro do âmbito do Projeto Quebra-Anzol.

- Um cachimbo cerâmico com decorações “em ondas” (Fig. 1) foi doado por agricultor local de tabaco durante as escavações do sítio Silva Serrote (ALVES, 2024)⁴.
- O sítio Antinha apresentou urna piriforme pintada de vermelho nas superfícies interna e externa, sem presença de engobo, possivelmente relacionada ao contato de populações Kayapó meridionais com populações do tronco linguístico Tupi (MOREIRA, 2024).

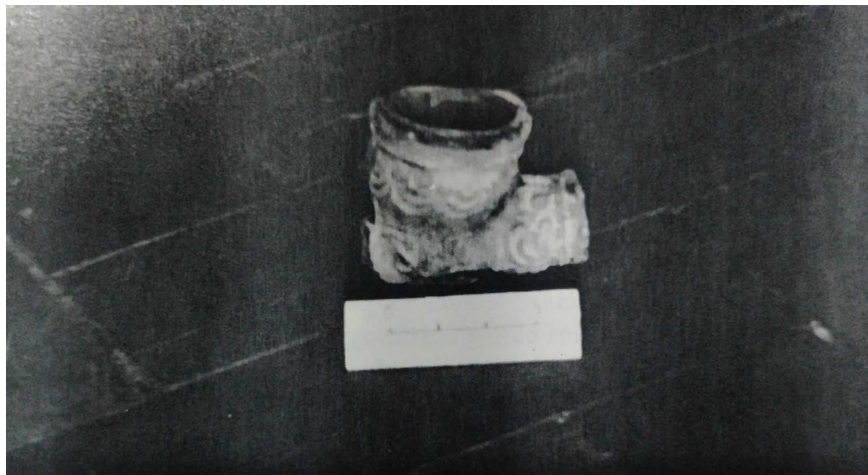


Figura 1: Cachimbo doado durante as pesquisas no sítio Silva Serrote, com decorações “em ondas” (ALVES, 2024, p. 77).

No contexto de apresentar características que são exceções dos demais sítios, a Zona 02 do Inhazinha se destaca. Embora ainda feita a partir da técnica acordelada, as cerâmicas ali detectadas apresentaram as seguintes características: (i) decoração incisa em linhas paralelas (feita com instrumento semelhante a pente) e escovada (Figs. 2 e 3); (ii) uso de carimbos em vasilhames; (iii) presença de base plana (Fig. 4); (iv) volumes reduzidos em comparação aos demais sítios da região; (v) uso predominante de bordas planas, correspondendo a pouco mais da metade das bordas observadas, seguido do uso de bordas arredondadas; (vi) uso de queima oxidante através da queima em fornos de barranco que foram detectados na área do sítio (Fig. 5). De acordo com Magalhães (2024):

Os padrões “escovado + aplique” e “inciso com pente” foram verificados por Chmyz (1995) no sítio MG 6 - Toca da Jararaca (23K 219256/7883901). Trata-se de um sítio cerâmico localizado a 430m da margem direita do rio Araguari e, a 25m da margem direita do córrego Capão, próximo da foz do rio Quebra Anzol. Atualmente a área encontra-se alagada pelo

⁴ No trabalho de Hissa (2022) é apresentada uma discussão acerca das decorações dos cachimbos barrocos, inclusive de possíveis elementos relacionados a cosmologias de diferentes povos africanos, tal como a cosmologia BaCongo ou símbolos Adinkra. No entanto, seria necessário um estudo mais aprofundado do cachimbo relacionado ao sítio Silva Serrote antes de traçar uma possível inferência com base em algumas similaridades estéticas, ainda mais levando em consideração que a ocupação no Triângulo Mineiro se deu em tempos diferentes da ocupação dos municípios mineiros dos quais uma parcela dos cachimbos estudados pela autora são provenientes.

reservatório da UHE Nova Ponte. Tal sítio encontrava-se distante da Zona 2 do sítio Inhazinha em aproximados 40,3km rio abaixo, e foi classificado pelo autor como pertencente à tradição Neobrasileira e não apresenta datações.

A denominação “Neobrasileira” foi desconsiderada na presente análise na medida que compreendo a mesma demodé e limitante do fazer arqueológico. Em outras palavras, a atribuição de “insígnias” ao contexto arqueológico histórico, não passa de um “atalho” inferencial, conveniente e cômodo muitas vezes ao arqueólogo diante do contexto por ele estudado, mas, extremamente caro e danoso a construção de conhecimento acerca de populações indígenas marginalizadas no contexto ameríndio à época do contato, como é o caso dos “Cayapó” meridionais. (p. 205)

Padrões de decoração e apliques do material cerâmico - Zona 2 do sítio Inhazinha, Perdizes - MG

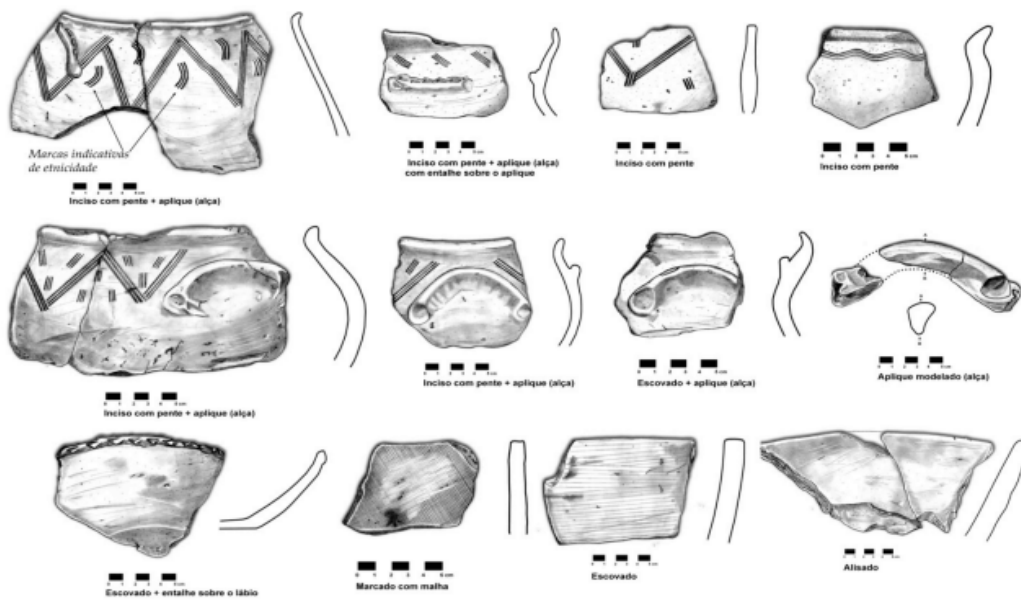


Figura 2: Principais padrões de decoração observados na Zona 02 do sítio Inhazinha (MAGALHÃES, 2015, p. 251).

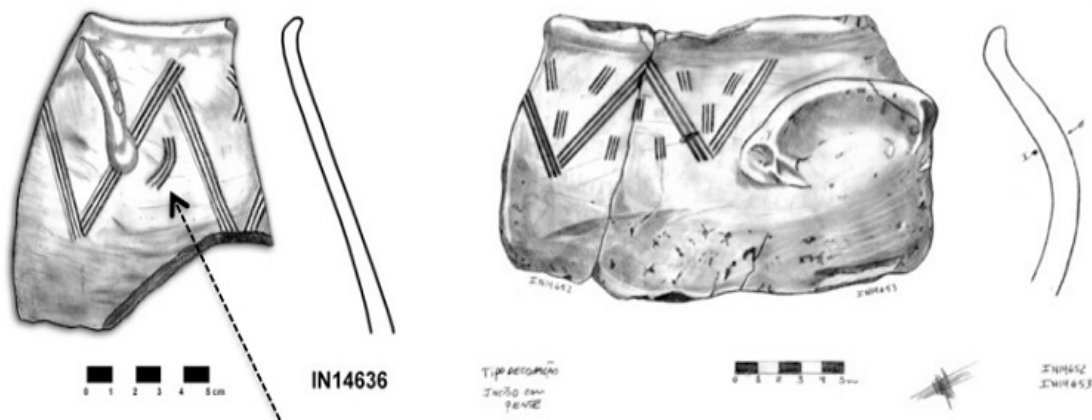


Figura 3: Padrão de decoração em linhas em zigue-zague e ondas, detectado na Zona 02 do sítio Inhazinha (esquerda) e ilustração de peça com decoração em linhas de zigue-zague e linhas paralelas associadas (direita) (MAGALHÃES, 2015).

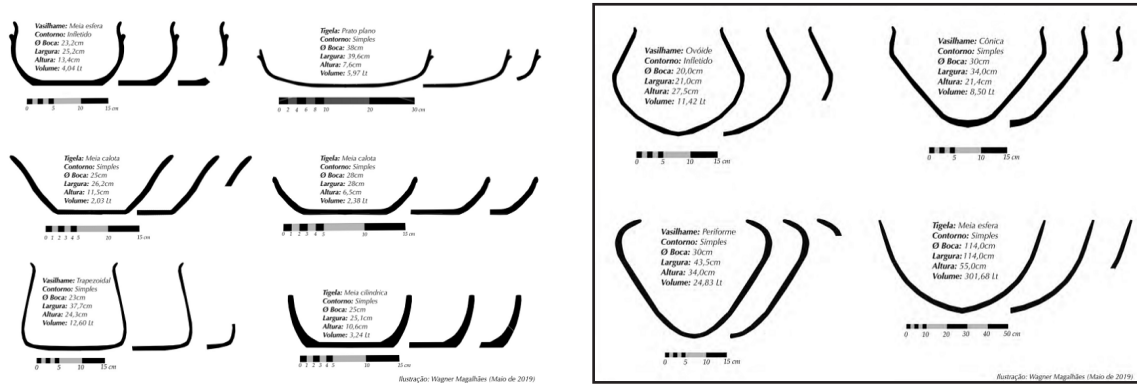


Figura 4: Formas reconstituídas dos vasilhames cerâmicos detectados no forno 01 do sítio Inhazinha, Zona 02 (MAGALHÃES, 2019, pp. 260 e 261). As mesmas reconstituições podem também ser vistas individualmente nas pranchas 06 a 15 em Magalhães, 2014.

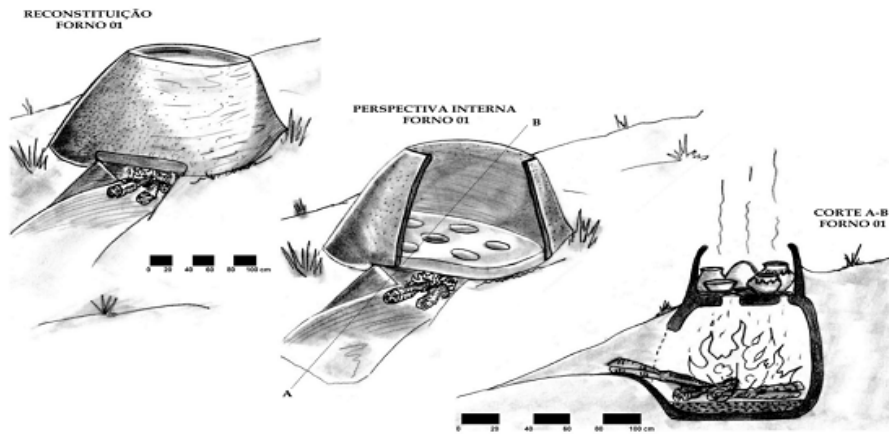


Figura 5: Forno de barranco encontrado na Zona 02 do sítio Inhazinha (acima) e diagrama de um dos fornos a partir de diferentes cortes (abaixo) (MAGALHÃES, 2019).

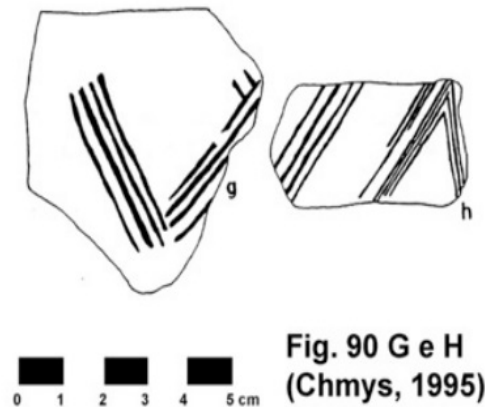


Figura 6: Decoração observada por Chmyz (1995) no sítio MG 6 - Toca da Jararaca.

Em particular, vemos na Figura 3 que dos dez vasilhames reconstituídos, quatro deles possuem volume até 4 litros, quatro apresentam volumes entre 8 e 30 litros, e apenas um possui um volume na casa de centenas de litros. Além disso, pode-se inferir que os vasilhames de menor volume estão associados à alimentação, uma vez que correspondem a tigelas, pratos, etc.

As particularidades observadas na indústria cerâmica da Zona 02 do sítio Inhazinha foram interpretadas como um marcador de etnicidade dos Kayapó Meridionais, e portanto de resistência, frente ao elemento colonizador (branco) que avançava em suas terras através da promulgação de guerra justa⁵ e, posteriormente, através da aplicação da política de aldeamento com consequente esbulho de terras (DENARDO, 2021; MAGALHÃES, 2015, 2019, 2024; MOREIRA, 2019, 2024). Por outro lado,

a manutenção das práticas culturais também se faz evidente, em que a técnica de manufatura aplicada na confecção dos vasilhames permanece a acordelada, que atesta uma manutenção cultural dos comportamentos e representações sociais, que são transmitidos oralmente de pai/mãe para filho/filha. Outra continuidade observada é no preparo da pasta argilosa e a recorrência das formas (globular, meia calota, semiesférica, trapezoidal, ovoide e periforme) [...]. A presença de fragmento de vaso duplo também demonstra a continuidade das concepções simbólicas e ritualísticas dessas populações (Moreira, 2019). (MOREIRA, 2024, p. 325)

Tal interpretação é construída a partir da hipótese de que o assentamento estudado está relacionado a uma ocupação total ou majoritariamente Kayapó Meridional, baseada em semelhanças estéticas e tecnológicas dos vestígios com demais sítios estudados no Projeto Quebra-Anzol, apesar das particularidades. Porém, será possível fazer tal afirmação? De fato, vemos que há uma ausência nas interpretações apresentadas: os povos negros sequestrados e traficados de

⁵ Termo utilizado pela própria Coroa e agentes do governo para se referir à política bélica conduzida contra indígenas, principalmente aqueles chamados de “Tapuias”. A distinção entre Tupi e Tapuia era uma ferramenta colonial que, ao fim, buscava criar um discurso de que todas as populações indígenas estariam destinadas ao seu fim: as primeiras por se “aculturarem” e as segundas por serem exterminadas pelas forças colonizadoras.

África. Será que colocá-los em cena permite interpretar o sítio arqueológico de maneira distinta?

Indícios de populações e povos negros e sua resistência no Triângulo Mineiro

Antes de prosseguirmos, é necessário discutir quais os registros de populações e povos negros na região. Para tal, vamos nos ater ao período da datação da Zona 02 do sítio Inhazinha; conforme visto anteriormente, elas correspondem aos anos de 1738 (± 19), 1760 (± 30) e 1800 (± 30).

Primeiramente, cabe lembrar que o Triângulo Mineiro fazia parte da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro entre 1709 e 1748, sendo então anexada à capitania de Goiás entre 1748 e 1816, ano em que passou a fazer parte da Capitania de Minas. As primeiras incursões bandeirantes no território ocorreram em 1722, mas apesar das tentativas de colonização, Aires de Casal coloca em 1817 que a região, chamada de Caiapônia, ainda

é a menos conhecida, não havendo ainda nela estabelecimento algum de cristãos. Os caiapós, que a dominam (repartidos ainda, segundo dizem, em várias tribos), têm sido fatais por vezes aos comboios cuiabanos, e invadido a parte setentrional da Província de São Paulo, onde causaram a deserção de muitos estabelecimentos. [...] (CASAL, 1817, p. 151)

De fato, há diversos registros de ataques indígenas contra avanços coloniais brancos. Em 1770, por exemplo, um ofício do governador José de Almeida e Vasconcellos informa que houve repetidos ataques (GIRALDIN, 1997); em 1815, há um abaixo-assinado escrito por moradores do Julgado do Desemboque solicitando isenção de impostos a fim de “cobrirem o prejuízo dos ataques Kayapó aos seus negócios” (DENARDO, 2024, p. 136). De modo geral,

pode-se verificar que ocorre um processo de ação/reação entre Cayapó e "brancos" que caracteriza meu argumento de que se tratava, também, de uma prática de guerra de vingança por parte dos primeiros. Há a indicação de ataques dos "brancos" em 1753 e, em 1755, os Cayapó atacaram o Arraial das Antas matando perto de 40 pessoas. Em 1756 os "brancos" atacaram e capturaram 6 mulheres e 25 crianças. Em 1757 os Cayapó voltaram a atacar o Arraial das Antas e mataram mais 19 escravos negros, número quase perto das 31 pessoas perdidas no ataque "branco" anterior. Os "brancos" voltaram a atacar em 1763, registrando-se um contra-ataque Cayapó em 1764. Neste mesmo ano os "brancos" revidaram com um assalto a uma aldeia. Em 1766, o Arraial de Santa Luzia foi sitiado pelos Cayapó. (GIRALDIN, 1997, pp. 80 e 81)

Embora tais descrições remetam a uma ocupação estritamente indígena no Triângulo Mineiro, a historiografia demonstra a existência de diversos quilombos na região, compreendidos como espaços agregadores de pessoas escravizadas que fugiram de sua condição e que nisso se constituíam como um “elemento vivo, dinâmico, ameaçador da ordem escravista” (GUIMARÃES,

1988). Os quilombos devem ser vistos como espaços de resistência por excelência, a partir do momento que se constituem enquanto um lugar que permite organizações sociais diferentes da colonial. Conforme lembra Clóvis Moura (1981), as rebeliões de pessoas escravizadas criavam “uma galáxia de desajustes desconhecida pelos dirigentes políticos da época” e em particular o quilombo servia ao desgaste da ordem escravocrata. Levando em consideração a pesquisa de Beatriz Nascimento, Menezes (2022, 2024) lembra que a organização quilombola possui similaridades com o povo africano Ibangala, tanto pelas suas características nômades como por suas estruturas políticas.

Em Minas Gerais, a existência de quilombos permitia o comércio clandestino com as vilas, inclusive estabelecendo relações amistosas com garimpeiros contrabandistas, também marginalizados na sociedade mineira; além disso, a própria existência quilombola nas matas servia para sublevar rebeliões nas cidades (MOURA, 1981). Conforme lembra Guimarães (1988),

os mecanismos de reprodução dos quilombos vão da agricultura a mineração, do banditismo ao comércio, e da reprodução biológica ao roubo e aliciamento de outros escravos. Isto não implica dizer que todos os quilombos apresentaram todos estes mecanismos. A dominância de um ou outro é que dá a cada quilombo sua especificidade em face dos demais e da sociedade escravista. (p. 12)

Também segundo Menezes (2022),

toda uma rede de sociabilidade de escravizados, desde as senzalas, aos libertos chegando aos quilombolas e outros brancos da sociedade se articulava e interagia, tensionando necessidades e o jogo político que não era monolítico, ou seja, não se limitava a fuga e a resistência distante dos estabelecimentos coloniais. Uma série de modos de interação eram visíveis, desde quilombos que brotavam no pé de fazendas, quilombolas que sequestravam ou aliciavam escravizados, que sequestravam e atacavam a população branca, que recebiam visitas durante o dia ou até mesmo que tinham nos homens e capitães-do-mato como aliados para atraparhar as missões que se pretendia por encontrar os acampamentos (GOMES, 1997).

E quais eram os quilombos existentes no Triângulo Mineiro? Para responder tal questão, podemos nos voltar para os documentos das campanhas militares promovidas pelo governo da capitania de Minas que tinham como objetivo avançar os limites das fronteiras, “promovendo uma guerra longa e de grandes proporções contra ‘índios bravos’ e ‘negros aquilombados’ ali estabelecidos” (FREIRE, 2021, p. 06). Tais campanhas avançaram para a região do Sertão da Farinha Podre, onde atualmente se encontram os municípios de Perdizes e Pedrinópolis, conforme linha do tempo estabelecida por pesquisador local:

*Durante muito tempo, os índios **caiapós** dominaram o Sertão da Farinha Podre. Os caiapós*

Também o núcleo central do chamado Quilombo do Ambrósio ficaria na região do Triângulo Mineiro. As discussões acerca deste quilombo merecem ser realizadas em um artigo à parte; no entanto, cabe aqui destacar que as pesquisas realizadas no âmbito do Projeto Quilombo do Ambrósio (GUIMARÃES, 1990) estudaram diversos vestígios associados a moradias e, em particular, *cerâmicas com decoração incisa*. No mais, cabe destacar que o sítio possuía formato em ferradura, tais quais as aldeias Kayapó Meridionais, o que reforça a hipótese de uma troca cultural:

Outros autores (Amantino, 2001; Lourenço, 2005; Martins, 2008) já chamaram a atenção para as influências indígenas nos modos de adaptação das populações dos quilombos. Técnicas de subsistência, localização, formato dos assentamentos, forças produtivas e instrumentos de trabalho são alguns dos elementos que denotam óbvias semelhanças com o modo de vida indígena. Dentre o material histórico disponível para o Campo Grande, os mapas dos quilombos deixados por Pamplona apresentam claros indícios de semelhanças nas formas de apropriação do espaço e modos de subsistência. Nesses mapas [...], os quilombos estão localizados próximos aos rios, a meio caminho entre as águas e a mata, e as casas dispostas ao redor de uma praça central. Tais descrições são as mesmas encontradas nas aldeias dos grupos Macro-Jê, dentre os quais os Kayapó históricos, cujas aldeias circulares, situadas a um meio termo entre a mata e o campo, são subdivididas em duas metades sobre a qual se acha erigida a casa central, tal como descrito para os Kayapó-Panará que ainda estavam no Triângulo Mineiro em 1911. [...] Assim, os quilombolas, ainda que faiscassem algum ouro e roubassem, tinham um modo de subsistência nos quilombos que era indígena, tanto quanto eram também alguns de seus instrumentos, como o arco e a flecha. (MANO, 2015, p. 535)

Por fim, em Pedrinópolis, cidade vizinha à Perdizes, há relatos orais de quilombos, conforme levantado no âmbito do mestrado e doutorado de Denardo (2018, 2024); Nabut (2001) levanta a possibilidade de que a área estivesse vinculada ao Quilombo do Ambrósio. A origem da cidade, em documentos oficiais, por vezes é associada a um quilombo “do lado de lá do Pau de Óleo (bairro)” (DENARDO, 2024). De fato,

o nome original de Pedrinópolis era Crioulos, embora não exista consenso entre a população do motivo. Conforme pude observar no documentário “Dos Crioulos à Pedrinópolis” e também em conversas informais com moradores ao longo da pesquisa, há quem diga que não existiam pessoas negras em Pedrinópolis, há quem diga que a ocupação negra e quilombola foi o que deu o nome de Crioulos, e há quem coloque que o nome deriva do hábito dos trabalhadores negros das fazendas virem beber na região nas suas folgas. Porém, cabe perceber que o discurso de que não existia pessoas negras pode ser mobilizado como uma forma de negar a escravidão, especialmente ao se considerar o lugar que o fundador da cidade ocupa nos discursos. (DENARDO, 2024, p. 32)

Reavaliando a cerâmica do Inhazinha...

Diante da documentação acerca da existência de quilombos na região onde se encontra a Zona 02 do sítio Inhazinha, cabe reavaliar as decorações observadas nas cerâmicas ali detectadas. De pronto, cabe destacar que existe uma grande semelhança entre a decoração observada neste sítio e a cerâmica encontrada na Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, relacionadas a povos lorubá (Fig. 8).

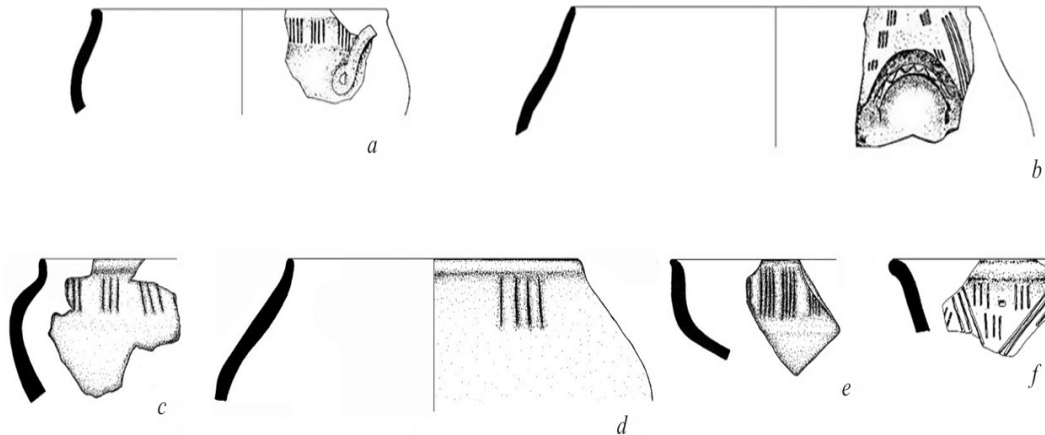


Figura 8: Cerâmicas com decorações incisadas, relacionadas a povos negros, encontradas em (a, b) Ouro Fino, Goiás; (c, d, e, f) Chapada dos Guimarães, Mato Grosso (AGOSTINI e SOUZA, 2012).

De acordo com Agostini e Souza (2012), as decorações incisadas encontradas nas cerâmicas produzidas por povos lorubá reproduzem as escarificações corporais destas culturas, de modo que constituem importante marcador étnico. Tal prática mostra uma apropriação e recontextualização das identidades africanas no contexto diaspórico; em particular, “para os lorubás, a adoção extensiva de decoração similares à escarificação da pele pode estar relacionada à criação de expressões materiais inclusivas e abertas para um grande grupo de indivíduos, baseada em referências pan-lorubá” (AGOSTINI e SOUZA, 2012, p. 118, tradução minha). Vale a pena mencionar que o mesmo estudo também se voltou para cerâmicas com decorações em semi-círculos possivelmente associadas à região de Lunda, Angola, e relacionadas a povos traficados para o Brasil a partir da terceira década do século 19.

Symanski (2006, 2009), em seu estudo do sítio Taperão (Engenho do Rio da Casca, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso), estudou cerâmicas acordeladas, em vasilhames de base plana com formas trapezoidais e globulares (Fig. 9) e com decorações incisadas, onde até 1836 era comum encontrar formas em zigue-zague, com marcas de linhas paralelas associadas, ou decorações em semi-círculos (Fig. 10). Segundo o autor, tais decorações são semelhantes às observadas em Ovimbundu, Angola, o que indica que podem ter sido feitas por pessoas Benguela traficadas para as regiões centrais do Brasil neste período. A partir de 1836, ocorre uma mudança dos povos trazidos forçosamente para cá, o que reflete as mudanças nas decorações observadas na cultura material do sítio Taperão. Cabe lembrar que, além da decoração incisa, também foram encontrados

vestígios com bordas corrugadas. O mesmo pôde ser observado em outros sítios arqueológicos da Chapada:

Com relação à variabilidade decorativa, os únicos vasilhames cerâmicos que apresentaram decoração são as panelas. A totalidade dessa categoria funcional apresentou-se decorada, havendo, porém, algumas nítidas diferenciações entre as decorações empregadas em cada contexto [...]. Esse é o caso dos vasilhames que apresentaram roletes expostos na porção superior do bojo com padrões decorativos incisos, em motivos de zigue-zague e em suas variantes, como losangos, os quais são exclusivos da área de senzala. A pesquisa nos engenhos Rio da Casca, Água Fria e Quilombo, em Chapada dos Guimarães, demonstrou que os vasilhames com este tipo de decoração foram mais populares nos contextos do final do século XVIII e da primeira metade do XIX, fortemente decaindo em representatividade após 1830 [...]. (SYMANSKI e HIROOKA, 2013, p. 49)

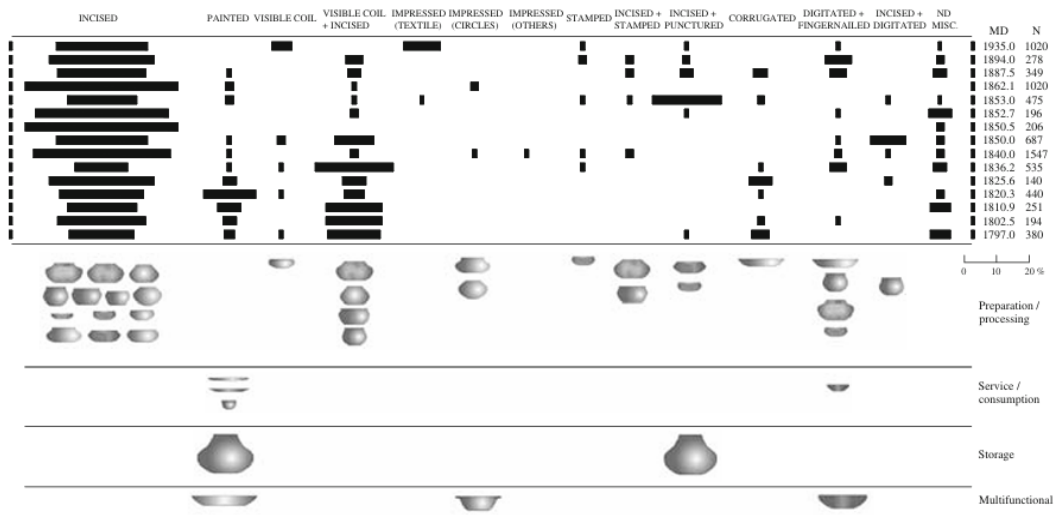


Figura 9: Principais formas e funções dos vasilhames cerâmicos dos sítios arqueológicos da Chapada dos Guimarães (SYMANSKI e SOUZA, 2009).

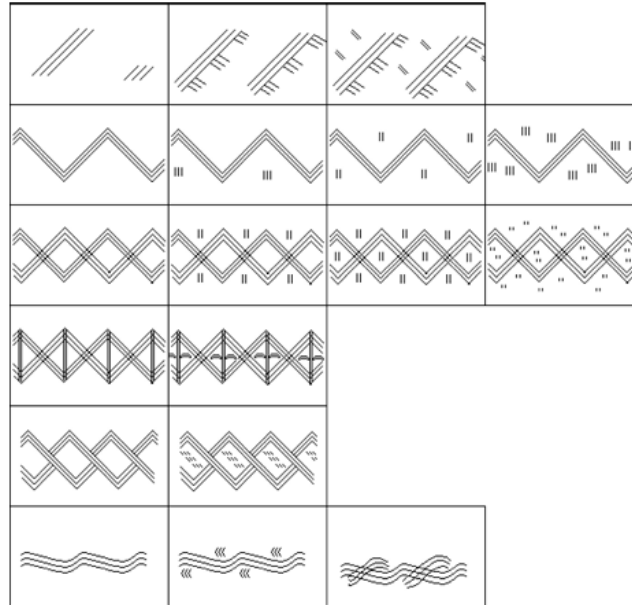


Figura 10: Padrões decorativos observados na cerâmica arqueológica relacionada a populações negras, pré-1830, na Chapada dos Guimarães (SYMANSKI e SOUZA, 2009).

O volume dos vasilhames no sítio Taperão variou entre 8 e cerca de 30 litros nas áreas periféricas, e entre 1 e 4 litros nas áreas centrais, o que leva à compreensão que nas áreas dos sítios associadas à habitação direta das pessoas escravizadas havia uma preocupação maior com o armazenamento de comida, mostrando uma estratégia de atenuação “aos efeitos da alimentação instável e inadequada” (SYMANSKI, 2006, p. 220). De qualquer forma, observamos uma variação no volume onde vasilhames associados à alimentação variavam entre 1 e 4 litros e vasilhames associados ao armazenamento variavam entre 8 e cerca de 30 litros.

Assim, além da decoração, existem outras semelhanças técnicas entre a cultura material da Chapada dos Guimarães e a Zona 02 do sítio Inhazinha: (i) uso da técnica acordelada; (ii) volume dos vasilhames (para alimentação e para armazenamento); (iii) forma dos vasilhames (Figs. 3 e 9); (iv) adoção da base plana. Tais características permitem inferir que os sistemas tecnológicos dos sítios, construído a partir das escolhas culturais e inovações técnicas das artesãs e dos artesãos, também eram parecidos.

Além dos vestígios encontrados na Chapada dos Guimarães, também foram encontrados vasilhames de base plana semelhantes em Votorantim, localizado no interior de São Paulo (SANTOS, 2024). Alguns apresentavam superfície escovada, e também foram detectados vestígios com alça apresentando a mesma decoração incisa que estamos discutindo nesse artigo (Fig. 11). Junto a esses vestígios também foi detectado um cachimbo.



Figura 11: Cerâmicas com decoração incisa no sítio Cohap 01, Votorantim/SP (SANTOS, 2024).

Em artigo publicado recentemente, Campos e Fagundes (2025) apresentam um estudo da cerâmica encontrada no sítio Olhos d'Água, localizado na Fazenda Tamboril, Diamantina/MG. Conforme é possível observar na Figura 12 e discutido ao longo do texto, os mesmos padrões decorativos presentes nos sítios da Chapada dos Guimarães foram também observados. É curioso notar que, durante a análise, os fragmentos poderiam ter sido confundidos com cerâmica associada à tradição Aratu, relacionada no contexto triangulino aos povos Kayapós Meridionais:

Nossa experiência acumulada resultou num olhar muito mais treinado para observar e identificar certas características dessa materialidade, tais como técnicas de produção, morfologia e decoração.

Com isso, caso nos fosse pedido para analisar um fragmento cerâmico, após uns momentos de observação, com certa facilidade diríamos se tratar, por exemplo, de uma borda extrovertida, fabricado pela técnica de roletes, com queima reduzida interna e oxidada nas extremidades, pasta com presença de quartzo e mica, alisamento simples e decoração com engobo da tonalidade vermelha, possivelmente pertencente à tradição arqueológica Aratu. (CAMPOS e FAGUNDES, 2025, pp. 69 e 70)



Figura 12: Fragmentos cerâmicos com decoração incisa no sítio Olhos d'Água, Diamantina/MG (CAMPOS e FAGUNDES, 2025).

A partir dessas semelhanças, devemos reavaliar as cerâmicas detectadas no Zona 02 do sítio Inhazinha? Os estudos realizados por Magalhães (2015, 2019) e Moreira (2019) acerca desse acervo foram extensivos e trouxeram diversas informações obtidas a partir de análises tecno-tipológicas, arqueométricas, e comparações inter-sítios. Em todos os trabalhos foi discutida a mudança cultural a partir do cenário colonial. Dessa forma, os dados aqui trazidos permitem na verdade um refinamento das conclusões obtidas, ao se considerar também os povos e populações negras que habitavam a região.

Assim, a partir da comparação entre as decorações observadas em Inhazinha e em sítios relacionados a engenhos escravocratas dos séculos 18 e 19 em Goiás, Mato Grosso e São Paulo, é possível observar uma nítida semelhança com a decoração relacionada ao povo Benguela, que não poderia ser explicada apenas por coincidência. A hipótese é reforçada ao lembrar que

do ponto de vista macroestrutural, as linhas gerais do desenvolvimento do comércio atlântico de Benguela são bem nítidas. Na primeira metade do século XVIII, Benguela era vista como contraponto à percebida diminuição da influência portuguesa na Costa da Mina – onde ataques de navios holandeses e a concorrência de ingleses e franceses pareciam afetar o comércio da Bahia com a costa do Benim. A demanda crescente por mão-de-obra no Brasil, devido à mineração de ouro nas Minas Gerais, tornava a situação ainda mais crítica. Nesta conjuntura, Benguela oferecia vantagens óbvias porque era situada numa região de domínio português incontestado e porque o tráfico – embora subsidiário de Luanda, para onde os escravos eram enviados antes da década de 1730 – já era uma realidade. Já claros neste período inicial, os laços estreitos com o Rio de Janeiro, principal porto de entrada de africanos para as Minas Gerais, se tornariam marca registrada do comércio atlântico benguelense. (FERREIRA, 2006, p. 49)

A presença Benguela no Triângulo Mineiro também pode ser constatada no século 19 a partir do registro de batismos em Uberaba, onde a origem dos pais muitas vezes constava nos registros, incluindo tal etnia (SOUZA, 2013, ver também FONSECA e BHERING, 2022). Diante dessas observações e da realidade concreta de quilombos no Triângulo, conforme vista anteriormente (Fig. 7), é possível inferir a existência de pessoas dessa etnia na região. Por outro lado, a dispersão aqui mostrada dos mesmos padrões decorativos vai além da dispersão conhecida para povos Kayapós Meridionais.

A partir da discussão feita até aqui, e levando em consideração a indústria lítica presente nos demais sítios do Projeto Quebra-Anzol e a existência de vasos geminados, é possível elaborar duas hipóteses acerca da Zona 02 do sítio Inhazinha:

1. Os vasilhames detectados no sítio arqueológico revelam uma troca cultural de indígenas Kayapó Meridionais com pessoas Benguela. É possível pensar que a decoração foi adotada pelos primeiros a fim de estabelecer comércio com os últimos, que os

vasilhames foram produzidos por Benguelas que ali estavam, ou, mais possivelmente, uma combinação de ambas as hipóteses. Assim, a decoração aparece através principalmente do contato com populações negras, e não com o elemento colonizador.

2. O sítio arqueológico trata-se de um quilombo, com presença de pessoas indígenas que também haviam fugido de sua condição de escravizadas ou que viam no quilombo uma forma de proteção às empreitadas colonizadoras.

Os dados obtidos, até o momento, mostram que a primeira hipótese é mais plausível, principalmente devido à presença de vaso geminado, uma vez que eles são compreendidos como marcadores étnicos Kayapó dentro do âmbito do Projeto Quebra-Anzol; também pode-se citar a presença de um único vaso com cerca de 300 litros, sem base plana, semelhante a outros vasilhames estudados no Projeto Quebra-Anzol. Por outro lado, os fornos de barranco indicam uma troca cultural e tecnológica intensa, se não a presença também de pessoas de diferentes etnias. Dentro destes cenários, faz sentido lembrar que Giralдин (1997) mostra que no século 19 existia o comércio de pessoas indígenas escravizadas na região do Triângulo Mineiro, e Symanski (2006) comenta a existência de indígenas nesta condição em fazendas de Mato Grosso já no século 18; essa prática colonial coloca pessoas indígenas e negras diretamente em contato. Tais contatos são também evidenciados por fontes históricas, como lembra Marcel Mano (2015):

Os “calhambolas” e as “nações silvestres”, dentre as quais os “Cayapó”, estavam, pois, habitando os mesmos espaços e atacando nos mesmos locais e, segundo outros indícios, pareciam estar também se auxiliando mutuamente. Há relatos de que em 1774, em um ataque dos “Cayapó”, eles “invadiram o distrito (...), mataram um negro, roubaram ferramentas e possibilitaram a fuga de escravos”. Mas além de ajudarem na fuga, há ainda indícios de que os “gentios” ajudavam os negros fugidos em suas defesas. (p. 538)

De maneira geral, é necessário que a Arqueologia do Triângulo Mineiro se debruce sobre os quilombos ali presentes; ao que tudo indica, não foram realizadas novas pesquisas no âmbito do “Projeto Quilombo do Ambrósio” além de um artigo de 1990 (GUIMARÃES, 1990), embora existam outros trabalhos acerca das possibilidades de se estudar o quilombo a partir da pesquisa arqueológica (MENEZES, 2022, 2024). Isso serve como impeditivo para comparações inter-sítios: por exemplo, seria interessante analisar as semelhanças e diferenças da tecnologia de queima a partir dos fornos de barranco encontrados na Zona 02 do sítio Inhazinha com a tecnologia de queima encontrada em outros quilombos mineiros. Por outro lado, muitos estudos da Arqueologia Afro-Diaspórica são desenvolvidos em contextos de engenhos e senzalas, o que acaba reduzindo o universo das populações e povos negros do Brasil colonial a esses contextos.

O caso discutido aqui revela um aspecto mais geral da Arqueologia Histórica relativa a contextos coloniais: a necessidade de se considerar os estudos afro-diaspóricos e afro-brasileiros,

uma vez que a população negra era parte fundamental da sociedade colonial. Nesse sentido, considerando que a sociedade é composta por diferentes agentes que estabelecem diferentes tensões entre si, os estudos que buscam desvelar esses movimentos dialéticos devem ser sensíveis às relações entre as populações indígenas, negras e brancas, seus conflitos e alianças, o sistema de dominação e os sistemas de resistência, etc. Ao desconsiderar um dos grupos, corre-se o risco de ter uma análise que não seja capaz de interpretar certos aspectos da realidade.

Indo além do escopo desse artigo, mas pertinente à discussão, também não é possível deixar em segundo plano as próprias diferenças existentes entre os diferentes grupos étnicos, estabelecidas por critérios de gênero, sexualidade, e organização enquanto classes sociais. Em outras palavras, as análises devem partir de perspectivas interseccionais, que permitam que a pesquisadora ou pesquisador tenha uma visão que seja ao mesmo tempo holística e capaz de pormenorizar as relações localmente a fim de lidar com o movimento dialético que a vida social impõe. Dentro do colonialismo (e posteriormente do imperialismo), esse movimento dialético também se relaciona nas respostas à violência colonial que geram a acumulação primitiva do capital ou acumulação via espoliação (HARVEY, 2004; GALEANO, 2021) e criam um sistema de dominação tanto nas colônias quanto na metrópole, sustentado discursivamente pela ideologia hegemônica e materialmente pela repressão (militar, policial, etc.).

Nesse sentido, voltamos ao conceito de cerâmica *Neobrasileira*, discutida por Ondemar Dias Jr. (1988) como um indicativo de um processo de “aculturação” ou “mestiçagem” entre populações indígenas, africanas e europeias. Embora tal descrição não leve em conta as particularidades de cada região e acabe servindo como um termo “muleta” *genérico*, além de trazer como elemento de análise conceitos de “aculturação”, ela traz em sua concepção um elemento que não pode ser esquecido nas análises: a relação entre os constituintes da sociedade brasileira. Possivelmente, ao ignorar tal classificação de Chmyz (1995) para a cerâmica encontrada no sítio MG 6- Toca da Jararaca, Magalhães (2015, 2024) interpretou a olaria encontrada no sítio Inhazinha como pertencente exclusivamente a um único povo.

A partir da discussão aqui elencada, buscamos mostrar que o avanço nos estudos da chamada Arqueologia Afrodiaspórica também pode trazer importantes refinamentos para contextos que, à primeira vista, podem parecer desconectados desse campo. No caso da Zona 02 do sítio Inhazinha, tais considerações abrem novas e motivantes possibilidades de estudo.

Agradecimentos

Agradeço à minha companheira Ana Carolina pela revisão do texto e seus vários cortes na minha escrita.

Referências bibliográficas

- AGOSTINI, Camilla; SOUZA, Marcos André Torres de. Body Marks, Pots, and Pipes: Some Correlations between African Scarifications and Pottery Decoration in Eighteenth- and Nineteenth-Century Brazil. *Historical Archaeology*, 46(3). 2012.
- ALVES, Márcia Angelina. A Arqueologia no Extremo Oeste de Minas Gerais. *Revista Espinhaço*, v. 2, n. 2. 2013.
- ALVES, Márcia Angelina. Tradições arqueológicas ceramistas de dois povos jê: kayapó meridional e kaingang da região centro-norte de São Paulo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 31. 2018.
- ALVES, Márcia Angelina. Projeto Quebra Anzol, Minas Gerais, e a temporalidade: do Holoceno médio ao século XIX. In: ALVES, Márcia Angelina (organizadora). *Cadeias operatórias e sistemas técnicos em Arqueologia e Etnologia no Brasil: estudos em homenagem à memória de Luciana Pallestrini*. 2024.
- CAMPOS, Paulo; FAGUNDES, Marcelo. A cerâmica afrodiáspórica: o estudo de caso do sítio Olhos d'Água, Alto Araçuaí, Minas Gerais. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 19, n. 1. 2025.
- CHMYZ, Igor. Relatório final do programa de salvamento arqueológico da UHE Nova Ponte - Atividades desenvolvidas pelo centro de estudos e pesquisas arqueológicas da Universidade Federal do Paraná. Belo Horizonte, MG: Leme Engenharia S.A. 1995.
- DENARDO, Thandryus Augusto Guerra Bacciotti. Cadeias operatórias e sistema tecnológico do sítio Santa Luzia, município de Pedrinópolis, Minas Gerais. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2018.
- DENARDO, Thandryus Augusto Guerra Bacciotti. Por uma Arqueologia anticolonial: a ocupação Kayapó Meridional no Triângulo Mineiro e a colonização de guerra. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, n. 37. 2021.
- DENARDO, Thandryus Augusto Guerra Bacciotti. O ensino do invisível tornado visível: uma discussão preliminar do uso da Microscopia de Força Atômica para o estudo de cerâmicas arqueológicas. *Revista de Arqueologia*, v. 36, n. 2. 2023.
- DENARDO, Thandryus Augusto Guerra Bacciotti. O acervo arqueológico como patrimônio gerador: uma proposta para o Museu de Arqueologia de Pedrinópolis/MG. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2024.
- DIAS Jr., Ondemar Ferreira. A cerâmica neobrasileira. *Arquivo IAB, Textos Avulsos*, 1, 3-13. 1988.
- FERREIRA, Roquinaldo. Biografia, Mobilidade e Cultura Atlântica: A Micro-Escala do Tráfico de Escravos em Benguela, séculos XVIII-XIX. *Tempo*, 10(20), Dossiê: África. 2006.
- FONSECA, Valter Machado da; BHERING, Marilane de Souza. Ensaio sobre as raízes africanas em Uberaba (MG): Entre reis, rainhas, capitães e generais: raízes populares e o poder do imaginário! *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 8, n. 2. 2022.
- FREIRE, Karen Pessoa. Relatos de campanha: a expansão colonial portuguesa sobre os quilom-

- bos do Alto São Francisco e Alto Paranaíba no século XVIII. *Anais do Museu Paulista, São Paulo, Nova Série*, vol. 29, 2021.
- GALEANO, Subcomandante Insurgente. *Contra a Hidra Capitalista*. São Paulo: n-1 edições. 2021.
- GIRALDIN, Odair. *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um Povo Jê no Brasil Central*. Campinas: Editora da UNICAMP. 1997.
- GOMES, Luciano. *Dos Crioulos à Pedrinópolis*. 2023. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mud-73fd2>>
- GUIMARÃES, Carlos Magno. *Os Quilombos do Século do Ouro (Minas Gerais - Século XVIII)*. Estudos econômicos, São Paulo, v. 18, n. especial, 1988.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. *O Quilombo do Ambrósio: Lenda, Documentos e Arqueologia*. Estudos Íbero-Americanos, XVI(1,2). 1990.
- HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Ed. Loyola. 2004.
- HISSA, Sarah de Barros Viana. A estetização do cotidiano e o teatro onipresente: revisitando os cachimbos barrocos. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 16, n. 2. 2022.
- LEROI-GOURHAN, André. *Les fouilles préhistoriques – technique et methods*. Paris: A. et Picard. 1950.
- MAGALHÃES, Wagner. *Estudo arqueométrico dos sítios arqueológicos Inhazinha e Rodrigues Furtado, município de Perdizes/MG: da argila à cerâmica... possíveis conexões entre os vasilhames cerâmicos e as fontes argilosas*. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.
- MAGALHÃES, Wagner. *Continuidade e mudança dos povos Jê, um estudo acerca da paisagem arqueológica, cultura material e padrão de assentamento dos sítios arqueológicos Inhazinha/MG e Água Limpa/SP*. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2019.
- MAGALHÃES, Wagner. A cadeia operatória e o sistema tecnológico da Zona 2 do sítio Inhazinha. In: ALVES, Márcia Angelina (organizadora). *Cadeias operatórias e sistemas técnicos em Arqueologia e Etnologia no Brasil: estudos em homenagem à memória de Luciana Pallestrini*. 2024.
- MANO, Marcel. Índios e negros nos sertões das minas: contatos e identidades. *Varia Historia, Belo Horizonte*, vol. 31, n. 56. 2015.
- MENEZES, Pedro Augusto Soares de. *Ambrósio, um quilombo brasileiro: preceitos de Beatriz Nascimento para uma arqueologia da herança política africana*. Monografia em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. 2022.
- MENEZES, Pedro Augusto Soares de. *Caracterizar o quilombo como instituição africana: princípios para arqueologia brasileira a partir de Beatriz Nascimento*. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 1. 2024.
- MOREIRA, Melina Pissolato. *Projeto Quebra Anzol, Minas Gerais: estudo de continuidade e mudança tecnológica intersítios na cultura material cerâmica*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2019.

- MOREIRA, Melina Pissolato. Continuidade e mudança cultural na cerâmica arqueológica dos sítios Antinha e Inhazinha Zona 2. In: ALVES, Márcia Angelina (organizadora). Cadeias operatórias e sistemas técnicos em Arqueologia e Etnologia no Brasil: estudos em homenagem à memória de Luciana Pallestrini. 2024.
- MOURA, Clóvis. Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- NABUT, Jorge Alberto. Fragmentos Árabes: Dores de Santa Juliana e Uberaba: Memórias do século XX. Instituto Triangulino de Cultura, Uberaba, 2001.
- PALLESTRINI, Luciana. Fouilles dans trois sites brésiliens du haut Paranapanema: méthode et resultats. Panthéon-Sorbonne: Université de Paris I, Sorbonne. 1970.
- PALLESTRINI, Luciana. Interpretação das estruturas arqueológicas em sítio do estado de São Paulo. São Paulo: Museu Paulista. 1975.
- ROSA, Ernesto. Sertão da Farinha Podre. Editora PAEd. 2013.
- SANTOS, Clayton Galdino Rosendo dos. Relatório de Gestão do Patrimônio Arqueológico para o Loteamento Residencial São Francisco, Município de Votorantim, Estado de São Paulo. Processo IPHAN n. 01506.001853/2022-54. 2024.
- SOUZA, Júlio César de. Sociedade e escravidão no século XIX: crianças escravas em Uberaba - 1871-1888. Dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal de Uberlândia. 2013.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Slaves and planters in Western Brazil: material culture, identity and power. Tese de Doutorado em Antropologia pela University of Florida. 2006.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; SOUZA, Marcos André Torres de. Slave Communities and Pottery Variability in Western Brazil: The Plantations of Chapada dos Guimarães. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 13. 2009.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; HIROOKA, Suzana. Engenho do Bom Jardim: cultura material e dinâmica identitária de uma comunidade escravizada do Mato Grosso. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 7, n. 1. 2013.

Recebido em: 03/10/2025

Aprovado em: 09/03/2026

Publicado em: 10/06/2026